

Bancos americanos estão deixando de considerar o México um problema

por Howard Hoffman
da AP/Dow Jones

Nove anos depois que seus problemas precipitaram a crise da dívida latino-americana, o México pode estar emergindo da ignomínia dos países endividados.

Oficialmente, os bancos norte-americanos classificam o México como "um país em reestruturação" (referindo-se à dívida), como o fazem com o Brasil e a Argentina. Extraoficialmente, o Citicorp e outros grandes bancos reconhecem que o México eclipsou seus vizinhos latino-americanos e não o consideram mais entre seus maiores problemas.

"Consideramos o México como um país que teve um desempenho admirável durante vários anos", afirma o vice-presidente executivo do Citicorp, Thomas E. Jones. "Em determinado momento, esse desempenho conquistará para o México a mesma posição que o Chile tem agora."

A maioria dos bancos retirou o Chile da lista de países que precisam reestruturar sua dívida. Essa lista — preparada de acordo com os órgãos de regulamentação do governo — cita nações cujos problemas da dívida são suficientemente grandes para justificar reservas especiais (a serem alocadas pelos bancos).

Fontes bancárias afirmam que o México provavelmente será a próxima nação a ser retirada da lista de reestruturação, permitindo aos bancos redirecionar as reservas para outros problemas mais prementes e, dessa forma, aliviar a necessidade de fazer deduções de seus lucros futuros.

A ressurreição do México aos olhos dos grandes bancos significa mais recursos para carteiras de empréstimos problemáticos, dentro dos Estados Unidos.

"A dívida dos países menos desenvolvidos é um problema de ontem", diz James McDermott, presidente da Keefe Bruyette & Woods, uma corretora especializada em ações de bancos.

O Citicorp, uma das maiores instituições bancárias dos Estados Unidos e a que mais fez empréstimos ao México, tornou pública

sua nova atitude em relação àquele país quando sua diretoria se reuniu, a 21 de maio na Cidade do México. Falando em espanhol durante uma entrevista à imprensa depois da reunião, o "chairman" do Citicorp, John Reed, disse que o banco não considera mais o México como um país em reestruturação.

Representantes do Citicorp explicam que Reed se referiu apenas ao pensamento interno do banco e não a uma mudança em seu método de relatório. O Citicorp continuará a classificar os empréstimos ao México como "em reestruturação" e a fazer as reservas apropriadas.

Os analistas afirmam que a nova perspectiva no caso do México é significativa pelo que ela implica em relação à situação da dívida mexicana, especificamente, e à dívida latino-americana, de modo geral. Afirmam ser também importante pelo que pressagia em relação ao futuro dos balanços e declarações de renda dos grandes bancos.

Representantes do Citicorp se voltam agora para o México e percebem um renascimento da vitalidade

numa economia emergente. Esta atitude se manifesta na disposição maior do Citibank, unidade bancária do Citicorp, de buscar novas oportunidades no México e maior boa vontade em conceder créditos a este país.

Outros grandes bancos não confirmam que estão ampliando também suas atividades no México, agora que o governo do presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari parece estar em condições de controlar a inflação e alguns dos problemas que assolaram a economia durante a década de 80. Mas banqueiros, analistas e economistas afirmam que alguns bancos, como o J.P. Morgan e o Bankers Trust, estão incrementando suas atividades no México e provavelmente adotaram uma atitude semelhante à do Citicorp.

Se as premissas aceitas pelo Citicorp e outros bancos forem corretas e o México não constituir mais um risco para o crédito, como acontecia há alguns anos, as reservas destinadas a cobrir possíveis prejuízos dos empréstimos mexicanos podem ser excessivas.

Em vez de separar futuras provisões para prejuízos nos créditos, deduzindo-as de lucros futuros, os bancos poderão aplicar as reservas extras, outrora destinadas ao México, a empréstimos problemáticos feitos à Argentina e ao Brasil, ou, em determinado momento, até mesmo a empréstimos problemáticos feitos dentro dos Estados Unidos.

O México não resolveu todos os seus problemas. A inflação, embora não mais um flagelo na casa dos três dígitos, como foi anteriormente, passou ainda há pouco além dos 20%, novamente.

Mas o pior pode ter passado. E a decisão manifestada pelo presidente Bush de negociar um acordo de livre comércio com o México está sendo considerada um sinal muito animador para a economia mexicana em recuperação. Embora muitos analistas estejam pedindo cautela, Guillermo Estebañez, analista da Moody's Investors Service, acredita que "problemas econômicos e políticos fundamentais poderão conduzir a futuras crises da dívida".